

Análise crítico-descritiva de *A lavagem do minério de ouro perto da montanha Itacolomi*, de Rugendas - 1835

Critical-descriptive analysis of the washing of gold ore near the Itacolomi Mountain by Rugendas - 1835

Rafael de Freitas e Souza*

Resumo: O escopo do presente artigo é realizar um estudo analítico-descritivo da litogravura intitulada *A lavagem do minério de ouro perto da montanha Itacolomi* (1835), de Johann Moritz Rugendas. Pretende-se demonstrar que a imagem contribui para o progresso do conhecimento sobre o mundo do trabalho na sociedade mineradora e escravista de Minas Gerais na primeira metade do século XIX devido à sua verossimilhança com a realidade histórica naquele estágio de desenvolvimento das forças produtivas de acordo com dados coligidos em fontes coevas.

Palavras-chave: mineração; viajantes europeus; trabalho.

Abstract: The scope of this article is to conduct an analytical-descriptive study of the lithograph entitled *A lavagem do minério de ouro perto da montanha Itacolomi* (1835) by Johann Moritz Rugendas. The intention is to demonstrate that the image contributes to the advancement of knowledge about the world of labor in the mining and slave society of Minas Gerais in the first half of the 19th century due to its verisimilitude with historical reality at the stage of developmental forces of production, in accordance with data collected from contemporaneous sources.

Keywords: Mining; european travelers; labor.

* Doutor em História Social (USP). Professor do IF Sudeste MG-Campus Rio Pomba. Autor de *O Tiradentes leitor* (2008), *Ouro, escravos e contas* (2015) e *O ouro gosta de sangue* (2015). Dedica-se ao estudo da história da mineração em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. E-mail: rf.souza49rp@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4028-9577>.

Análise crítico-descritiva¹

NO SÉCULO XIX, na esteira das reformas joaninas, a chegada da missão artística francesa, em 1816, no Rio de Janeiro, inaugurou nova fase da captura estética da realidade brasileira através do olhar europeu, tal como o de Jean-Baptiste Debret. Como consequência desse contexto de aberturas, nas décadas seguintes as províncias brasileiras tornaram-se destinos de muitos viajantes-naturalistas e de artistas-viajantes. Dentre eles, destaca-se o alemão Johann Moritz Rugendas.

Apesar da queda da extração aurífera verificada a partir da segunda metade do século XVIII, Minas Gerais preservou no século seguinte sua reputação de Eldorado. Por essa razão, tornou-se um dos principais destinos dos viajantes europeus. Foi nesse contexto que a *Expedição Langsdorff* aportou no Brasil, em 1822, e Rugendas elaborou a gravura que pode ser considerada o mais rico “registro” do processo extrativo do ouro em Minas Gerais na primeira metade do século XIX.

A viagem de Rugendas pelo Brasil ocorreu entre 1822 e meados de 1825. O desenho que serviu de base à litogravura abaixo, que consta na edição de 1835, pode ter sido traçado a partir das informações colhidas após sua passagem pela Imperial Cidade de Ouro Preto, em agosto de 1824, antes de sua fase propedêutica em Roma e Paris.²

A análise elaborada sobre esta gravura está calcada, do ponto de vista metodológico, nas orientações de Ulpiano Meneses,³ segundo o qual devemos considerar três aspectos fulcrais na leitura historiográfica de imagens: o primeiro é rejeitar a “falsa polaridade entre *real e imaginário*”, pois o imaginário é parte integrante do real, haja vista que práticas e representações são indissociáveis. O segundo, refere-se à falsa ideia de que o valor da imagem estaria no seu “*caráter probatório*”, pois “o valor documental básico se refere a todas as problemáticas das representações sociais, à possibilidade de definir/entender o imaginário – e não apenas à capacidade de confirmação de traços empíricos autônomos”. Por último, o problema central é o “olhar do viajante” sobre a realidade e não a realidade em si. O olhar, portanto, “institui seu próprio objeto. A imagem não só é instituída historicamente, como é, também *instituinte*”.

1 Este item trata-se de nova versão, revisada e ampliada, de reflexões esparsas sobre esta mesma imagem presente em outro trabalho do autor (2009).

2 Robert Slenes informa que a obra de Rugendas “foi publicada originalmente em fascículos. Estes foram reunidos em livro, em 1835, com uma edição em alemão e outra em francês: Rugendas (Johann Moritz), *Malerische Reise in Brasilien* e *Voyage Pittoresque dans le Brésil*, ambas publicadas em Paris e Mülhausen por Engelmann et Cie. (a mesma que publicou os fascículos)”. Portanto, a publicação ocorreu quando Rugendas passara pela terceira fase de sua formação ocorrida em Roma e Paris entre 1825 e 1830. Cf. SLENES, Robert. As provações de um Abraão africano: a nascente nação brasileira na viagem alegórica de Johann Moritz Rugendas. **Revista de História da Arte e Arqueologia**, Campinas, n. 2, p. 271-294, 1995/96, p. 271.

3 MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Morfologia das cidades brasileiras: introdução ao estudo histórico da iconografia urbana. **Revista USP**, São Paulo, n. 30, p. 144-155, p. 152-154, 1996.

Figura 1 – A lavagem do minério de ouro perto da montanha Itacolomi, de Rugendas



Fonte: *Lavage du minerai d'or près de la montagne Itacolumi*. RUGENDAS, Johann Moritz. *Malerische Reise in Brasilien*. Paris: Engelman et Cie, 1835. Biblioteca do Senado Brasileiro. 30,5 x 26,2 cm. Litografia. Pl. 22. Domínio público. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/item/id/227417>. Acesso em: 1 ago. 2023.

As opiniões de Eric Hobsbawm e de Mary Louise Pratt convergem quanto à cobiça das potências europeias pelo ouro existente em diferentes partes do mundo no século XIX. O historiador inglês defende que dentre os diversos produtos sobre os quais as nações europeias tinham grande interesse, destacavam-se os metais preciosos que foram “os principais pioneiros da abertura do mundo ao imperialismo, muito eficazes nesse papel, porque os lucros eram suficientemente

excepcionais para justificar também a construção de ramais de ferrovias”.⁴ Por sua vez, Pratt observou que a indústria mineral era “uma das principais fontes de interesse da Europa sobre as Américas”⁵ na época do industrialismo.

A litografia acima sacia essa curiosidade, pois mostra a mineração aurífera em plena atividade, confirmando que ainda havia ouro em Minas Gerais na terceira década do século XIX. Para os futuros investidores europeus, a certeza desse potencial bastava para mobilizar capitais que seriam aplicados na compra de minas abandonadas e na fundação de companhias de mineração, como de fato ocorreu ao longo daquele século.

A imagem atende à dupla exigência da pintura documental oitocentista: mostrar a magnificência da natureza tropical e registrar o cotidiano numa só vista, bem ao gosto dos leitores românticos. Observa-se que ela enfoca o trabalho e não o seu contrário, os momentos de fugacidade, festejo, costumes ou lazer como o fez Rugendas em outras imagens.

À primeira vista, destaca-se a dicotomia negro/trabalho forçado *versus* branco e/ou mulato/ supervisão e chefia. A exuberante paisagem tropical serve de fundo aos homens e mulheres que, em primeiro plano, trabalham na lavra, pois o foco é o microcosmo da extração aurífera movida pelo braço de homens e mulheres escravos. Desnuda a crueza de uma relação social de trabalho controversa no contexto político e ideológico europeu oitocentista que não pode ser retocada: a escravidão. Condenada desde o século XVIII pelos pensadores iluministas como antinatural, no século XIX ela é repudiada à medida que, segundo Alejandra Mailher, “contradiz os fundamentos éticos e estéticos do romantismo (ao menos de um romantismo que ainda não assumiu a inclusão do feio, do abjeto, ou do sinistro)”.⁶

Diener e Costa acreditam que “há uma persistente preocupação na *Viagem pitoresca* em apresentar com tom crítico a iniquidade da escravidão”.⁷ Na verdade, Rugendas condenava o tráfico e as crueldades cometidas contra os cativos, não a escravidão. Suas palavras e imagens, tais como *Negros no porão do navio*, *Mercado de escravos*, *Castigos domésticos* e *Castigo público no Campo de Santana* denunciam os maus-tratos típicos da escravidão. Entretanto, ele a aceita quando praticada de maneira mais suave e como trânsito para uma “cultura superior” face ao contato com os europeus abrindo-lhes “possibilidades de civilização”. Pragmático, Rugendas defendia a extinção gradual do tráfico e a emancipação progressiva dos escravos e acreditava que o liberto tomaria “sozinho o seu lugar nas classes inferiores da sociedade, o lugar que lhe é assinado pela sua capacidade e fortuna”.⁸ Em resumo, para ele, o papel

4 HOBBSAWM, Eric. **A era dos impérios (1875-1914)**. Tradução Sieni M. Campos e Yolanda S. Toledo; revisão técnica Maria C. Paoli. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 97.

5 PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. Tradução de Jézio H. Bonfim Gutierrez; revisão técnica Maria H. Machado e Carlos Valero. Bauru: Edusc, 1999. p. 217.

6 “Contredit les fondements éthiques et esthétiques du romantisme (ou tout au moins d’un romantisme qui n’a pas encore assumé l’inclusion du laid, de l’abject, ou du sinistre)” – Tradução livre do autor. Cf. MAILHER, Alejandra. Les limites du visible: réflexions sur la représentation picturale de l’esclavage dans l’œuvre de Rugendas et de Debret. **Conserveries mémorielles** [En ligne], #3 | 2007, mis en ligne le 21 novembre 2009. Disponível em: <http://cm.revues.org/124>. Acesso em: 29 out. 2022.

7 DIENER, Pablo; COSTA; Maria de Fátima. **Rugendas e o Brasil**: obra completa. Rio de Janeiro: Editora Capivara, 2012. p. 556.

8 RUGENDAS, Johann Moritz. **Viagem pitoresca através do Brasil**. Tradução Sérgio Milliet; bibliografia

reservado aos negros na sociedade, sejam eles cativos ou libertos seria, inexoravelmente, trabalhar para os brancos.

O flagrante captado pelo olhar estrangeiro de Rugendas mostra aos europeus como ocorria, *d'après nature*, a lavagem do ouro com o emprego da mão de obra escrava e os instrumentos e técnicas então adotadas em Minas Gerais para extrair o metal naquela centúria. Sintetiza os dois espaços onde ocorriam os processos extrativos do ouro: o primário (ouro subterrâneo incrustado na rocha matriz localizada no interior da montanha) e o secundário (ouro aluvial extraído junto às areias no leito do rio). A primeira forma de extração era denominada de “trabalhar por mina” e a segunda era conhecida como “serviço de rio”. Não obstante, ambas podiam ser genericamente definidas como “lavras” ou “serviços”.⁹

Nessa unidade extrativa de duplo tipo todo o trabalho é desenvolvido com o recurso da mão de obra escravizada masculina e feminina sem o auxílio de qualquer maquinário (a nora ou o engenho de pilões, p. ex.). Nota-se apenas o uso de ferramentas e instrumentos rudimentares como a bateia (bacia redonda e côncava manejada com movimentos rotatórios para que o ouro se deposite no núcleo por gravitação), o couro de boi (usado para reter as partículas de ouro sobrenadantes), o malho (marreta pequena), a gamela (usada para o transporte de areia, cascalhos ou rochas fragmentadas),¹⁰ a vara de bambu (usada para sovar o couro de boi e liberar o ouro aderido aos pelos), um tacho de cobre no qual faziam a secagem do ouro, um objeto de madeira talhado na forma de cocho que era usado para separar mecanicamente o ouro de matérias a ele agregadas e um grande bolinete.

Naquele estágio de desenvolvimento das forças produtivas, a divisão do trabalho extrativo baseava-se em cinco pilares: sexo, idade, força física, conhecimento técnico e destreza.

A imagem revela muitos aspectos correlatos ao mundo do trabalho na mineração: a rotina, a coação, as precárias e insalubres condições de trabalho, a divisão das funções entre homens e mulheres e entre negros e brancos e/ou mulatos, o vestuário de trabalho, a alimentação e a disciplina.

Na imagem é visível apenas a presença de 31 escravos (29 homens e duas mulheres). Dizemos apenas, pois no interior da mina outros homens trabalhavam no desmonte da rocha que a visão de Rugendas não pôde captar. Essa desproporção entre os sexos constituía-se a regra nos plantéis dos donos de lavras em Minas, onde havia maior demanda pelo braço masculino devido à natureza árdua e insalubre da maioria das tarefas executadas na mineração. A composição dessa escravaria é bastante coerente considerando a estrutura de posse de

Rubens B. Moraes. 8ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979. p. 130 e 140.

9 Segundo Eschwege, lavra “é o nome genérico de todos os serviços de mineração, quer se realizem nas montanhas, nos rios ou nos córregos”. Cf. ESCHWEGE, Wilhelm Ludwig von. **Pluto brasiliensis**. Prefácio Mário G. Ferri. Tradução de Domício de F. Murta. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1979, vol. 2. p. 215. Rugendas discorreu, brevemente, sobre três métodos de extração: o “trabalhar por minas”, o “trabalhar por talho aberto” e o serviço dos “faiscadores”. Na imagem em questão, ele não retratou nenhum dos dois últimos. Cf. RUGENDAS, op. cit., p. 76s.

10 Portanto, não estão usando o carumbé, que também era empregado para o mesmo fim, cuja capacidade de carga variava de 14 a 18 kg.

escravos em Minas Gerais na primeira metade do século XIX, levantada por Luna e Costa (2009, p. 33-39).¹¹

Supervisionando os serviços e realizando tarefas adicionais encontram-se nove homens brancos e/ou mulatos. Trata-se, provavelmente, dos feitores e/ou dos proprietários (pois em Minas havia formação de sociedades entre dois ou mais mineradores para explorarem as lavras auríferas). Ao menos três deles seguram chicotes, conhecidos como bacalhau.

Documentos produzidos no século XVIII atestam existir especialização entre os escravos ocupados na mineração em Minas Gerais. Havia “uns de serviço de rio, e outros, de morro”, aponta um documento de 1786.¹² Chegando ao local de trabalho, homens e mulheres eram subdivididos de acordo com suas forças, conhecimentos técnicos e habilidades. Os homens mais jovens, fortes e que dominavam as técnicas de extração subterrânea eram encaminhados ao interior da mina. Outros, igualmente capazes, jovens e resistentes dirigiam-se ao leito do rio.

As tarefas desempenhadas por eles variavam conforme o local onde estavam designados para trabalhar. As escravas eram usadas, principalmente, para transportar o minério em gamelas. Note que não há nenhuma delas dentro d'água a manejar a bateia ou em terra firme a manobrar o malho na fragmentação das rochas. Nem por isso estavam protegidas dos perigos que rondavam a mineração oitocentista, conforme será demonstrado adiante.

A imagem revela que a mina em questão estava localizada em local de formação geológica rochosa onde o ouro primário ocorre incrustado em minerais de grande rigidez como o quartzo, abundante na região de Ouro Preto e Mariana. As galerias se formavam seguindo a inclinação e as divisões naturais do filão aurífero.

O material rico em ouro era extraído e levado à boca da mina onde os carregadores e carregadoras abasteciam suas gamelas para conduzi-las ao escravo marreteiro responsável

11 Autores como Júnia Furtado, Eduardo França Paiva e Andréa Lisly Gonçalves dedicam-se a investigar a presença e as contribuições técnicas dos africanos, sobretudo das mulheres, na mineração aurífera e diamantífera em Minas Gerais desde os primórdios do século XVIII. Cf. FURTADO, Júnia Ferreira. Mulheres escravas e forras na mineração no Brasil, século XVIII. **Revista Latinoamericana de Trabajo y Trabajadores**, n. 1, p. 1-49, 2020. Veja também PAIVA, Eduardo França. Bateias, carumbés, tabuleiros: mineração africana e mestiçagem no Novo Mundo. In: PAIVA, Eduardo França & ANASTASIA, Carla Maria Junho (org.). **O trabalho mestiço**: maneiras de pensar e formas de viver – séculos XVI ao XIX. São Paulo/Belo Horizonte: Annablume/PPGH-UFGM, 2002, p. 187-207. Por fim, GONÇALVES, Andréa Lisly. Escravidão, herança ibérica e africana e as técnicas de mineração em Minas Gerais no século XVIII, p. 1-23. Disponível em: <https://diamantina.cedeplar.ufmg.br/portal/download/diamantina-2004/D04A031.pdf>. Acesso em: 25 maio 2025. Outros pesquisadores investigam a procedência dos escravizados transferidos para a região mineradora; ou seja, visam identificar os principais portos onde foram embarcados e quais povos ou grupos se abrigavam debaixo da genérica nação “Mina”. Fruto dessa abordagem, podemos citar os artigos presentes na coletânea: RODRIGUES, Aldair; LIMA, Ivana Stolze; FARIAS, Juliana Barreto (Orgs.). **A diáspora Mina**: africanos entre o golfo do Benin e o Brasil. 1ª ed. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2020. Nas primeiras décadas do século XVIII, os escravizados denominados “minas”, procedentes da África Ocidental, predominaram nos garimpos de Minas Gerais. Paulatinamente, o aumento do número de crioulos e as transformações ocorridas na dinâmica do tráfico levou à introdução de cativos das regiões central e oriental da África, alterando aquela configuração inicial. Sobre essas transformações no perfil da escravaria de Minas Gerais, recomenda-se consultar: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero da. Algumas características do contingente de cativos em Minas Gerais. In: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci Del Nero da; KLEIN, Herbert S. (org.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 17-32. Veja também LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci del Nero da. Estrutura da massa escrava de algumas localidades mineiras (1804). In: LUNA; COSTA; KLEIN, op. cit. p. 33-39.

12 Carta redigida pelo intendente de Vila Rica, Francisco Gregório Pires Bandeira, datada de 23 de novembro de 1786 e remetida ao vice-rei no Rio de Janeiro, Luís de Vasconcelos.

pela trituração usando o malho. A imagem mostra apenas um homem ocupado nesse árduo serviço. Documento datado de 1810 atesta que essa tarefa causava prejuízo à saúde dos trabalhadores:

Estes mineiros dos morros [...] tiram a pedra a talho aberto, ou por minas subterrâneas, cujas pedras eles faziam pisar pelos escravos com uns malhos formados para esse fim, até as reduzir a pó, a que dão o nome de fubá [...] E como este método não só era pesado porque estafava os pretos, principalmente quando a pedra era dura, idearam a fatura de engenhos [...] e poupam a saúde dos escravos.¹³

Após a pulverização, esse fubá era lançado na cabeceira (parte superior e mais larga com, aproximadamente, um metro) do bolinete. Em seguida, essa areia era revolvida e, depois, lançada na calha do bolinete para ser lavada e o ouro recolhido. Vale ressaltar que o bolinete é um aperfeiçoamento feito à canoa devido ao baixo rendimento desta”. O bolinete era:

Uma espécie de calha inclinada de madeira, cujas dimensões permitem que dois ou três homens trabalhem ao mesmo tempo. Sua produção é, portanto, superior à da *canoa*. O *bulinete* é feito de fortes travessas de madeira, de 7 a 14 palmos de comprimento, de largura de 4 a 5 palmos na parte superior (*cabeceira*), e de apenas meio palmo, ou um pouco mais, na extremidade oposta.¹⁴

O bolinete retratado por Rugendas está encravado no solo e teve suas paredes, cabeceira e bica reforçadas com madeiras. Saint-Hilaire destaca que esse equipamento possuía segmentos ou “degraus”, para produzir pequenas quedas (com dois a dois palmos e meio de altura) a fim de aumentar a velocidade da água. Ali, o cascalho e a areia eram remexidos com o almocafre (instrumento de ferro recurvo e pontiagudo usado para escavação) pelos escravos, empurrando-os para sua parte superior; arrastada pela correnteza, a areia aurífera separava-se do cascalho e ficava retida no couro de boi “de dois pés quadrados de superfície”,¹⁵ que era colocado na bica (plano inclinado do bolinete) com a inclinação dos pelos voltada no sentido contrário à direção da água corrente para reter a areia aurífera. Na sua falta usava-se também a baeta (tecido de lã felpuda) para a mesma finalidade.

Dois escravos ficavam responsáveis pela retirada dos couros que retinham a areia aurífera. Abaixo deles há mais dois escravos lavadores com bateias. Isto porque o couro não era capaz de reter todas as partículas do ouro flutuante contido na água lamacenta. Estrategicamente posicionados, eles recolhiam o restante da areia aurífera que escapava dos couros. Ao lado

13 VICISSITUDES da indústria mineira (1810). **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Geraes, p. 78, anno III, 1898.

14 ESCHWEGE, op. cit., vol. 1, p. 184. Vale lembrar que no Glossário do Erário Mineral consta a definição de canoa como: “canal retangular com 1 a 1,5 m de comprimento, 0,5 a 0,7 m de largura e 0,1 a 0,6 m de profundidade, tendo o fundo inclinado no sentido corrente da água, canal em que, na extremidade, eram colocadas baetas de couro de boi que retinham, como filtros, o ouro carregado pela água lamacenta dos córregos e veios”. Cf. FERREIRA, Luís Gomes. **Erário mineral dividido em doze tratados**. Organização Júnia F. Furtado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, vol. 2. p. 778. Os processos de lavagem e apuração descritos por Saint-Hilaire referem-se aos trabalhos executados numa “canoa” e não num bolinete conforme o que Rugendas desenhou. Cf. SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas Gerais**. Tradução de Vivaldi Moreira. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1975. p. 112s.

15 Ibidem, p. 113.

dos dois homens que observam essa fase do trabalho, há uma pilha de rejeitos (material estéril que não contém ouro).

Retirados do bolinete, os couros secavam ao sol para, em seguida, serem sovados sobre uma bateia de maior diâmetro, conforme pode ser visto no canto inferior direito da imagem. Ao final do processo, após a última lavagem na bateia, o ouro era colocado num prato de cobre, chamado caco, de 6 a 10 polegadas de diâmetro cheio de suco vegetal (de maracujá, jurubeba, pegadeira ou enxota). O sumo dessas plantas tinha a propriedade de fazer precipitar as partículas de ouro flutuante. Podia-se usar também a urina para a mesma finalidade. Por fim, era colocado num tacho de cobre para secar.¹⁶

A segunda forma de extração mostrada é a “cata” do ouro aluvial (ouro secundário). Por milhares de anos, o vento e a água erodiram a rocha matriz que guardava o reluzente metal em seu interior conduzindo-o para o fundo do leito dos rios. Por esta razão, observa-se no fundo da imagem alguns escravos entrando no lago formado abaixo da cachoeira para retirar a areia e o cascalho auríferos, que são transportados num contínuo ir e vir em gamelas sobre suas cabeças, e depositá-los ao lado de um escravo sentado próximo ao bolinete. Esse tipo de serviço somente podia ser realizado na estação seca quando o volume e a força das águas eram menores. Aqueles que arriscavam minerar no tempo das chuvas expunham-se a perder sua força de trabalho e equipamentos arrastados pela correnteza.

Embora o carro de mina (carrinho de mão) fosse adotado em alguns serviços de mineração em Minas desde o século XVIII, não o vemos na imagem. Eschwege deixa claro que o método “correição de formiga” trazia “melhores resultados de que com carrinhos e máquinas”.¹⁷ Os constantes reparos, a declividade ou a composição geológica do terreno eram fatores impeditivos ao emprego do carrinho de mão. Ele podia ser menos eficaz, pois os escravos conseguiam ser mais ágeis e rápidos subindo e descendo os declives carregando os carumbés ou as gamelas. Ao final do dia, o volume de material transportado seria maior, pois os carregadores podiam fazer até “seis viagens de ida e volta no tempo em que um carrinho gasta para fazer uma somente”.¹⁸

O elevado custo da nora ou rosário (roda hidráulica), o grosso e pesado madeirame e a necessidade de desmontá-lo e transportá-lo para outros lugares, por exemplo, eram fatores impeditivos para sua adoção nas lavras dos mineiros menos abastados. Ou seja, os proprietários das lavras adotavam os recursos técnicos e equipamentos mais eficazes de acordo com a necessidade, a possibilidade, a eficiência e suas posses. Em determinadas condições, os equipamentos mais modernos podiam não se mostrar os mais indicados.

Em seguida, a apuração desse material era realizada através do processo conhecido como “lavagem”.

16 Rugendas não reproduziu o processo de purificação do ouro com mercúrio (azougue). Esse metal líquido captura os finos grãos de ouro formando uma amálgama. Quando aquecido, evapora-se deixando apenas o ouro em forma sólida e o vapor contaminava quem o inalava.

17 ESCHWEGE, op. cit., vol. 2, p. 128.

18 Ibidem.

A lavagem constitui o único processo de que se servem os brasileiros para separar o ouro das matérias com que vêm misturado, quaisquer que elas sejam. Seus métodos, pouco numerosos, fundados sobre o peso específico do ouro e sua tenuidade habitual, consistem, como o veremos, em fazer acarretar pela água as substâncias que acompanham o precioso metal, todas menos pesadas ou mais volumosas que ele.¹⁹

No campo da história da técnica e dos instrumentos de mineração, a bateia é a principal ferramenta de trabalho usada desde os primórdios da exploração aluvial em diversas partes do globo.

Outro fator evidenciado pela imagem é a divisão de tarefas entre negros e brancos e/ou mulatos. O trabalho destes últimos consistia basicamente em feitorizar os negros e “administrar a fábrica”, como se dizia. Um deles, portando um bacalhau, está posicionado à sombra perto do monte formado pela areia aurífera trazida do lago; outro, encostado numa grande pedra, acompanha o serviço de trituração das rochas retiradas da mina; dois deles situam-se bem próximos à bica do bolinete, certamente para impedir o furto de ouro dos couros e das bateias. Ao fundo, um feitor coage, sob a ameaça do chicote, o escravo a atravessar a pinguela de madeira.

A função de feitor, corretamente explicada por Flávia Reis, era exercida pelo proprietário e seus sócios quando estes formavam sociedades, “por parentes, filhos (naturais ou legítimos) ou homens de confiança do proprietário da lavra, posto que intermediavam o processo de exploração, fazendo com que o ouro chegasse às mãos do minerador”. Além disso, complementa a autora, “certamente, para ser feitor, era preciso ser conhecedor dos métodos de extração e ter experiência de trabalho nas lavras”.²⁰ Esses homens de confiança, contratados e remunerados pelo proprietário, podiam ser livres, alforriados ou cativos, brancos, negros ou mulatos. Os proprietários menos abastados exerciam, eles próprios, essa ocupação. Na mineração empregava-se também o termo “capitão” ou “capitão de mina” para se referir aos homens que coordenavam os trabalhos extrativos.

As atribuições do feitor de lavra incluíam a distribuição das tarefas entre os escravos, evitar o furto de ouro, indisciplinas e fugas, fiscalizar a realização dos trabalhos, verificar o estado de conservação das ferramentas, do vestuário e demais equipamentos, cuidar da alimentação de todos, zelar pela saúde, cuidar dos doentes, efetuar pagamentos, castigar quando necessário, recolher o ouro extraído, prestar contas ao proprietário, dentre outras. Feitores eram homens respeitados e temidos no mundo do trabalho da mineração. A fama e o respeito adquiridos no local de trabalho advinham de sua competência, destemor, senso de justiça e maturidade.

Nota-se na imagem que o vestuário de trabalho dos escravos é caracterizado pela absoluta simplicidade. A maioria usa apenas um calção ou bumbaxas (espécie de calça comprida que

19 SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 112.

20 REIS, Flávia Maria da Mata. **Entre faisqueiras, catas e galerias**: exploração do ouro, leis e cotidiano nas Minas do século XVIII (1701-1762). 2007. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-graduação em História Social da Cultura, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. p. 257.

geralmente dobravam até os joelhos). Alguns trajam camisas e outros vestem jalecos sem manga que podiam ser de algodão ou baeta (tecido de lã grosseiro usado também por pessoas pobres). Apenas um escravo usa uma espécie de “saiote”. Alguns estão sem camisa.

Quanto às mulheres, ambas trajam vestidos longos que expunham os braços, pernas e colo sem deixar os seios à mostra como acontece em outras ilustrações de mulheres negras e mulatas trabalhadoras captadas pelos olhares dos pintores-viajantes.

Analisando essas peças de vestuário dos homens e das mulheres, sob o ponto de vista da fiscalização, constata-se que não tinham nenhum bolso onde pudessem esconder ouro.

A exposição diária do vestuário à umidade, ao atrito, à lama, ao sol e ao suor tornava curta a sua durabilidade. No inventário do minerador Antonio Varella Santiago, de 1768, consta que o tempo de vida útil da roupa de seus escravos ocupados na mineração “costuma durar um ano o jaleco, e tanga, e a baeta dois”.²¹

O vestuário dos brancos e/ou mulatos é bem distinto quando comparado ao dos escravos. Todos usam calças compridas, camisas, casacas e chapéus de diferentes formatos e tamanhos, visto que este acessório era elemento indispensável na composição do traje masculino no século XIX por se tratar de símbolo de distinção social na sociedade escravista. Enquanto entre os escravos há uma quase uniformidade de traje, entre os brancos e/ou mulatos verifica-se maior diversidade. Isso acontecia, sobretudo, para demarcar as posições ocupadas por cada um na hierarquia do local de trabalho. É curioso notar que as peças de vestuário dos brancos e/ou mulatos ocultam seus membros inferiores e superiores deixando à mostra somente as mãos, protegendo-os, assim, dos malefícios dos raios solares.

Cláudia Mól destaca que o hábito de cobrir a cabeça é um ato carregado de significados na sociedade escravista. Costume de longa tradição, demarcava entre os romanos a própria liberdade. Estes, assim que libertavam seus cativos, davam-lhes chapéus. Sua pesquisa constatou que o uso de lenços, chapéus, véus e turbantes era comum entre as mulheres alforriadas da América portuguesa.²²

Todos os escravos, homens e mulheres, como de práxis, estão descalços. Quanto aos feitores, dois deles parecem estar sem calçados (aquele em pé encostado à grande pedra e o outro próximo ao escravo que tritura as pedras), indicando sua provável condição servil. No que diz respeito aos outros, somente foi possível visualizar um homem usando botas de cano alto no canto direito superior da imagem. Trabalhar descalço e ficar com os pés submersos ou caminhar em locais úmidos por muitas horas provocava doenças ocupacionais, sobre as quais falaremos adiante.

21 Inventário de Antônio Varella Santiago. Arquivo da Casa do Pilar de Ouro Preto. Códice 310, auto 6630, 1º Ofício, ano 1768, fls. 131v-132. Outro minerador, o cônego José Botelho Borges, residente em Mariana, comprava regularmente baetas azuis e vermelhas para confeccionar novos jalecos e substituir as peças danificadas. IPHAN/Arquivo Histórico da Casa Setecentista de Mariana. Conta do rendimento da lavra da testamentaria do reverendo cônego José Botelho Borges. Cartório de 1º Ofício, códice 14, auto 453, 1796-1817, passim. Citado por REIS, op. cit., p. 219.

22 MÓL, Cláudia Cristina. Entre sedas e baetas: o vestuário das mulheres alforriadas de Vila Rica. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 32, p. 176-189, 2004.

Sabe-se que os governadores de Minas Gerais expediram bandos, como os de 1º de dezembro de 1710 e o de 11 de setembro de 1729, proibindo a presença das negras de tabuleiro nas lavras, a fim de impedir a venda de cachaça aos escravos que se embriagavam e se envolviam em violência. Entretanto, essa bebida espirituosa era recomendada por médicos e cirurgiões e estava arraigado na cultura popular o seu poder curativo contra doenças provenientes da exposição prolongada à friagem. No canto inferior direito da imagem, debaixo de uma choça improvisada coberta com folhas de palmeira, um escravo está bebendo, provavelmente, um copo de cachaça.

O cirurgião português Luís Gomes Ferreira (2002), que atuou em Minas Gerais na primeira metade do século XVIII, é autoridade incontestada no campo das doenças ocupacionais e acidentes de trabalho na mineração. Durante os 20 anos de atividade na região mineradora, Ferreira atendeu a diversos escravos-mineiros enfermos e lesionados por causa do trabalho que exerciam. Sua larga experiência permitiu-lhe identificar que os males mais frequentes que os acometiam eram os formigueiros, as pontadas pleuríticas, as peripneumonias e a tísica.²³

Salvo os formigueiros, todas as outras doenças, referem-se a problemas no aparelho respiratório. Todas estão, direta ou indiretamente, relacionadas à exposição contínua de corpos exaustos e mal nutridos às gélidas águas dos ribeiros auríferos, à umidade das galerias e ao uso prolongado de roupas molhadas de água e de suor e, no caso das galerias, à permanência em ambiente quente e com pouca ventilação.

Justamente com a queda da temperatura durante o inverno, a frialdade das águas reduzia para quatro a cinco horas o tempo que era possível trabalhar no leito dos rios. Dois documentos históricos atestam essa situação:

[...] e porque as faisqueiras eram invencíveis pela grande frialdade das águas, despenhadeiros, e matos serradíssimos, tanto que só permitia trabalhar-se dentro deles, quatro horas do dia, além da grande penúria de alimentos.²⁴

Além destes inconvenientes, que a natureza do leito do rio oferecia aos empreendedores, reinava ali tão grande frialdade dos vales estreitos assombrados por mato espesso, que os operários apenas podiam começar o trabalho às 10 horas da manhã, e continuá-lo até as 3 da tarde.²⁵

O trabalho no leito do rio exigia a realização de um tipo de serviço denominado “mergulho” (visto ao fundo da imagem)²⁶ que consistia em remexer a areia aurífera para bateá-la ou

23 De acordo com FERREIRA, op. cit., vol. 2, p. 567, os formigueiros “nascem nas solas dos pés dos pretos mineiros [...] fazendo nelas buracos redondos e fundos, com comichão e dores grandes que os não deixam andar sem grande moléstia; outros há que nascem nos braços, mãos e pernas, assim dos pretos como dos brancos” (p. 567).

24 ROCHA, José Joaquim da. Memória histórica da capitania de Minas Geraes. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Ouro Preto, Imprensa Oficial de Minas Geraes, Anno II, fasc. 3º, p. 435, jul.-set., 1897.

25 Primeiros descobrimentos das minas de ouro da capitania de Minas Geraes, compilada pelo coronel Bento Fernandes Furtado de Mendonça e resumida por M. J. P. da Silva Pontes. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, Belo Horizonte, Imprensa Oficial de Minas Geraes, ano IV, p. 88, 1899.

26 No inventário do minerador Antônio da Rocha Lima, de 1768, residente no termo de Sabará, consta o registro do escravo Pedro Angola classificado como “mergulhador do rio”. Aos 50 anos e com “alguma moléstia”, foi avaliado em 90\$000 réis - citado por REIS, op. cit., 2007, p. 265.

retirá-la a fim de ser colocada na gamela para ser levada ao bolinete. Eschwege assim descreveu essa função:

É dos mais fatigantes e penosos, além de muito prejudicial à saúde dos escravos, pois, enquanto os membros superiores ficam expostos longas horas aos ardentes raios do sol, a parte inferior deve suportar a sensível frialdade das águas. Poucos negros, por esta razão, prestam-se para o trabalho, que só os mais robustos podem suportar.²⁷

De fato, essa penosa tarefa era designada aos escravos mais fortes e experientes. Imersos até a cintura na água durante várias horas do dia, ficavam expostos ao calor do sol e à umidade e, portanto, suscetíveis às enfermidades dermatológicas e pulmonares.

No subsolo, iluminados pelo pálido clarão das candeias abastecidas com azeite, descalços, trajando bumbaxas e jalecos, ou mesmo sem estes, iniciavam o serviço de desmonte da rocha para chegar ao veio (geralmente formado por quartzo) no interior do qual encontrava-se o ouro. Para realizar essa tarefa, empregavam o almocafre, alavancas (barra de ferro que media, aproximadamente, um metro de comprimento e possuía uma ponta em forma de cunho e a outra pontiaguda), malhos (pequenas marretas), picões (instrumento manual semelhante a uma pequena picareta com cabo de madeira e duas pontas pontiagudas) e brocas (barra de ferro pontiaguda medindo cerca de 30 cm, usadas para a perfuração da rocha). Vale lembrar que algumas lavras recorriam ao uso da pólvora para acelerar a abertura das galerias. Outros escravos eram ocupados nos serviços de transporte do material desmontado e para fazer o escoramento das paredes, do teto das galerias e da boca da mina (tal como visto na imagem).

Nesse local de trabalho, a cada passo, os escravos ouviam ranger acima de suas cabeças o escoramento que ameaçava ruir. A precariedade ou a falta desses apoios foram as causas imediatas de muitos desmoronamentos que ceifaram as vidas de milhares de cativos ao longo dos séculos XVIII e XIX em Minas Gerais.

Embora quase imperceptível, é possível notar um filete d'água escoando do interior da mina. Este “detalhe” indica a existência de elevada umidade no local que comprometia a saúde dos trabalhadores causando-lhes pneumonia, dermatose e contribuía para o possível solapamento das galerias, caso o escoramento não fosse feito com eficiência e sem utilizar madeiras resistentes à umidade.

Eschwege constatou que “em escavações profundas, que tornaram os trabalhos perigosos, em virtude das íngremes paredes, que, pela frialdade e fendilhamento da rocha, se desmoronam muitas vezes, sepultando os negros que trabalham próximos”.²⁸ De acordo com a formação geológica do terreno onde se encontrava a mina, quando ocorriam desabamentos, todos podiam falecer asfixiados sob a terra, serem esmagados por rochas ou morrerem por inanição caso não encontrassem a saída de volta à superfície.

27 ESCHWEGE, op. cit., vol. 1, p. 170.

28 Ibidem, p. 174.

A pouca renovação de ar nas galerias provocada pela falta de canais de ventilação era condição facilitadora à proliferação de moléstias infectocontagiosas como a pneumonia e a tuberculose. Esta última tornou-se conhecida em Minas Gerais como “a doença da mina”²⁹ devido à sua constante ocorrência entre os mineiros.

Nas duas formas de extração (aluvial e subterrânea), vimos que os escravos transportavam areia e cascalhos em gamelas carregadas sobre a cabeça. Eschwege adverte que “esse esforço é causa das hérnias e pneumonias, tão frequente entre eles, que por este motivo raramente atingem idade avançada”.³⁰ A hérnia inguinal, como se sabe, pode levar a óbito caso haja estrangulamento.

A imagem mostra que a prospecção do ouro oferecia outros tipos de perigos aos escravos, como a travessia sobre rochas e pontes estreitas, escorregadias e instáveis. No canto direito da imagem, duas escravas dirigem-se à boca da mina para reabastecer suas gamelas. No caminho há duas pinguelas de madeira improvisadas e elas precisam passar sobre rochas úmidas e lodosas. Note que um escravo, temendo atravessar a primeira, é coagido pelo chicote do feitor.

Em 1816, ao visitar Itabira, Saint-Hilaire registrou que “o catarro, as pleuresias, a peripneumonia” eram as moléstias mais comumente observadas e atacavam “principalmente os operários das minas, frequentemente expostos a alternativas de frio e calor”.³¹ Levando-se em consideração que havia imprecisão no diagnóstico da tuberculose, muitas vezes registrada com outras denominações, as doenças citadas pelo viajante francês são basicamente as mesmas apontadas por Luís Gomes Ferreira um século antes.

A permanência dessas adversas condições de trabalho no século XIX levaram o médico franco-brasileiro José Francisco Xavier Sigaud a dedicar capítulo especial de sua obra às doenças dos trabalhadores das minas de ouro e de diamantes brasileiras. Ele observou que a “asma, pleuresia, doenças dos olhos e o edema das extremidades são as afecções particulares a esta classe de operários”.³² Dentre as enfermidades do aparelho visual, a conjuntivite, a oftalmia, a amaurose (perda total ou parcial da visão sem lesão no olho) eram provocadas pela contínua exposição ao sol e à poeira.

A experiência do Dr. Sigaud no tratamento de doenças dos escravos levou-o à seguinte conclusão sobre esse tema. Para ele, a alimentação dos escravos era “insuficiente para sustentar as forças em trabalhos rudes e prolongados”; por esse fator, “os trabalhadores das minas vivem menos tempo que os das outras profissões”.³³ A anemia era o mal que mais ceifava a vida de escravos mal vestidos, mal calçados e expostos diariamente à umidade, além do elevado e

29 Informação obtida nas entrevistas realizadas com ex-mineiros que trabalharam na Mina da Passagem de Mariana no século XX.

30 ESCHWEGE, op. cit., vol. 2, p. 128.

31 SAINT-HILAIRE, op. cit., p. 123.

32 “L’asthme, la pleurésie, les maladies d’yeux et l’oedème des extrémités sont les affections particulières à cette classe d’ouvriers” – Tradução livre do autor. Cf. SIGAUD, Joseph François Xavier. **Du climat et des maladies du Brésil ou statique médicale de cet empire**. Paris: Chez Fortin, Masson et Cie. Libraires, 1844, p. 143.

33 “Insuffisante pour soutenir les forces au milieu de travaux rudes et prolongés” e “Les ouvrier des mines vivent moins longtemps que ceux des autres professions” – Trad. livre do autor. Cf. SIGAUD, op. cit., p. 144.

contínuo esforço físico. Igualmente, outro médico, Dr. Dazille percebeu que “por toda a parte um insuficiente alimento, a falta de vestidos e um trabalho superior às suas forças, fazem perecer o produto anual da geração dos Negros”.³⁴

Devido às precárias condições de vida e de trabalho, três autores apresentam dados alarmantes sobre a taxa de mortalidade dos escravos-mineiros. Eschwege estima que faleciam, anualmente, sete mil escravos na província de Minas Gerais (atingindo 19 óbitos ao dia)³⁵; Maria Odila, acredita que o tempo de vida útil dos escravos-mineiros variava entre sete e 12 anos de trabalho;³⁶ por sua vez, Iraci Costa demonstrou que a taxa de mortalidade dos negros na Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Antonio Dias, situada em Vila Rica, era “aproximadamente 20% mais alta do que a válida para os demais grupos de cor”; além disso, a taxa de mortalidade dos escravos “teria sido, possivelmente, 76% mais elevada do que a referente a livres”.³⁷ Vale acrescentar que em qualquer levantamento de plantel de senhores de escravos que atuavam na mineração nos séculos XVIII e XIX, é significativo o índice de enfermos e lesionados.

A autoria do desenho e do texto

O ÚLTIMO E MAIS COMPLETO catálogo da obra de Rugendas elaborado por Pablo Diener e Maria de Fátima Costa intitula-se *Rugendas e o Brasil* – obra completa (2012). Neste e noutros trabalhos, os autores insistem na importância de determinar corretamente a autoria de cada uma das litografias do artista bávaro publicadas no *Voyage pittoresque* de 1835. Esta preocupação deve-se ao fato de Rugendas não ter sido o responsável direto por “levar à pedra” todas as gravuras que produziu. Em muitos casos, essa tarefa coube a litógrafos profissionais que, por diversas vezes, modificaram o esboço original.³⁸ Esclarecem que essas interferências ocorreram, pois, “a julgar pelos comentários de Engelmann [...] a maior parte dos desenhos de Rugendas era composta por esboços que ainda precisavam de muita elaboração antes de serem passados

34 “Par-tout une nourriture insuffisante, le défaut de vêtements et un travail au-dessus de leurs forces font périr le produit annuel de la génération des Negres” - Tradução livre do autor. Cf. DAZILLE, Jean-Barthélemy. **Observation sur les maladies des nègres, leurs causes, leurs traitements et les moyens de les prévenir**. Paris: Chez Didot le Jeune, Libraire, 1776, p. 22s.

35 ESCHWEGE, op. cit., vol. 2, p. 365.

36 DIAS, Maria Odila da Silva. Nos sertões do Rio das Velhas e das Gerais: vida social numa frente de povoamento, 1710-1733. In: FERREIRA, Luís Gomes. . **Erário mineral**. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais; Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, 2002, vol. 1. p. 80. Documento produzido pelos Oficiais da Câmara de Ribeirão do Carmo, em 1744, informa ao rei que a produtividade dos escravos reduzia-se após dez anos de serviços. Cf. Ofício da Câmara de Ribeirão do Carmo, de 17 de outubro de 1744. **Revista do Arquivo Público Mineiro**, anno II, fasc. 2º, p. 289s, abr.-jun., 1897.

37 COSTA, Iraci Del Nero da. Análise da morbididade nas Gerais (Vila Rica, 1799-1801). In: LUNA, Francisco Vidal; COSTA, Iraci Del Nero da; KLEIN, Herbert S. (org.). **Escravidão em São Paulo e Minas Gerais**. São Paulo: Edusp; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009. p. 243.

38 Thekla Hartmann elucida porque aconteciam essas interferências: “Os gravadores da época entendiam seu trabalho em termos de arte gráfica e não de representação gráfica, principalmente quando as estampas se destinavam a ilustrar livros de viagem e, portanto, obras para o grande público. As estampas não eram gravadas com a intenção de registrar dados e eventos de modo objetivo. Isto se reservava aos trabalhos de cunho científico.” Cf. HARTMANN, Thekla. A contribuição da iconografia para o conhecimento de índios brasileiros no século XIX. **Coleção Museu Paulista**. Série etnologia. Edição do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, São Paulo, vol. 1, p. 3-229, p. 92, 1975.

à pedra litográfica”.³⁹ Apesar disso, garantem que são dele todos os “desenhos preparatórios e o cuidado na fabricação das gravuras”.⁴⁰ Em alguns casos ele acompanhou as modificações efetuadas; em outros, ele mesmo as executou como gravador.

No que tange à *Lavagem do minério de ouro*, além de não ser conhecido o esboço original feito por Rugendas, Diener e Costa apontam que os gravadores foram Alexis Victor Joly e E. Wattier (sendo este o responsável pelas figuras). Não foi possível saber se este foi um dos trabalhos que Rugendas pôde acompanhar de perto a execução pelos litógrafos. Quanto a este aspecto, a dupla é conclusiva:

Porém, há de se olhar para esse livro não como um documento preciso de uma época, mas sim, como uma obra que responde ao interesse do editor e do próprio autor, e à demanda do mercado. É essencial ter em conta que as imagens ali reproduzidas não representam necessariamente o olhar do artista. Deve-se lembrar que, embora a folha de rosto ostente o nome de Rugendas como único autor, trata-se de um trabalho em parceria, tanto na feitura das litografias como na redação do texto. Quase todas as imagens foram transpostas à pedra por um grupo de jovens artistas que jamais estivera no Brasil, tendo Rugendas gravado apenas três.

[...]

Ou seja, as gravuras do *Viagem pitoresca*, independentemente de ostentarem a inscrição ‘dessiné d’après nature’, poucas vezes são reproduções fidedignas dos desenhos que lhes serviram de modelo. Nesse sentido, qualquer interpretação dessa obra de Rugendas que não leve em conta a interferência de litógrafos será, no melhor dos casos, incompleta⁴¹.

Por essa razão, acreditam que a *Lavagem do minério de ouro* “embora o artista, enquanto membro da *Expedição Langsdorff*, tenha podido observar situações próximas à que representa, trata-se de mais uma composição inventada”.⁴² Segundo eles, para criá-la, Rugendas se inspirou na narrativa que Spix e Martius fizeram sobre o serviço de extração de ouro. Para sustentar suas hipóteses, argumentam que a queda d’água presente em segundo plano “é praticamente a mesma que aparece no desenho aquarelado *Cachoeira de Ouro Preto*”.⁴³ De fato, Rugendas esteve em Ouro Preto e dali “realizava excursões, nas quais enriquecia suas pastas com desenhos realizados seguindo a sua vontade”.⁴⁴ Quanto ao problema do realismo das gravuras, são taxativos: “temos, portanto, uma bela obra; longe, porém, de um livro de caráter documental. Uma boa parte do que se vê nestas páginas está baseada na imaginação romântica do jovem artista de Augsburg e também em observações de terceiros.”⁴⁵

Outro aspecto polêmico da obra *Viagem pitoresca* é a definição da autoria do texto, comumente atribuído a V. A. Huber. Diener e Costa informam que Rugendas, “até onde se sabe, não redigiu nenhum diário pessoal ou qualquer outro escrito sistemático durante sua

39 DIENER e COSTA, op. cit., p. 47.

40 Ibidem, p. 25.

41 Ibidem, p. 59.

42 Ibidem, p. 520.

43 Ibidem, p. 520.

44 Ibidem, p. 21.

45 Ibidem, p. 66.

longa vida de viajante”.⁴⁶ Mas, discordam desta atribuição, pois acreditam que Rugendas seja o autor do texto, mesmo que Huber tenha interferido na redação. Para eles:

Ao que parece, para a série de viagens pitorescas, Engelmann necessitava, além de imagens, de textos que as complementassem. Para cumprir com o que a casa editora lhe exigia, nosso artista tomou seus desenhos como roteiro temático e recorreu à correspondência que enviou aos familiares, às recordações e aos livros de alguns dos viajantes que, antes dele, estiveram no Brasil. De fato, muitos trechos foram abertamente transcritos ou, no melhor dos casos, inspirados nos livros de Spix e Martius, do príncipe Maximiliano de Wied-Neuwied, de Eschwege e de Koster; algumas vezes, essas obras estão mencionadas explicitamente, outras, nem sequer foram indicadas.⁴⁷

Diener e Costa apresentam excelente síntese sobre a verve de Rugendas. Ele era ao mesmo tempo um típico artista viajante oitocentista que exaltava o pitoresco, permitindo-se “um grau de invenção” do que vê e prendia-se ao rigor de sua filiação “à tradição científica da escola de Humboldt, de Wied-Neuwied e de Martius”.⁴⁸ Sua versatilidade na arte de desenhar fez dele “um ilustrador ideal para uma expedição científica”, a ponto de Humboldt reconhecê-lo como “o melhor ilustrador da natureza americana”. Opinião endossada pelos dois especialistas que o consideram “o maior cronista visual do continente americano nas primeiras décadas de vida independente”.⁴⁹

Na capital mineira, Rugendas não pôde se encontrar com Eschwege, pois este retornara à sua pátria em princípios de 1821. Sua obra capital, *Pluto Brasiliensis*, foi publicada em Berlin, no ano de 1833, dois anos antes do livro de Rugendas vir à luz. Contudo, o pai da geologia brasileira é autor de mais de duas dezenas de obras publicadas a partir de 1811. Dentre elas, podemos citar o *Journal von Brasilien* (1818) e o *Brasilien, die Neue Welt* (1830).

É seguro dizer que Rugendas leu o célebre mineralogista, pois o citou mais de uma vez na *Viagem pitoresca*. Primeiramente, disse que “segundo um cálculo do Barão de Eschwege, a própria cidade (Ouro Preto) se encontra a 3.000 pés acima do nível do mar”.⁵⁰ Na segunda, mostrou conhecer o conteúdo de uma de suas obras ao afirmar que “o senhor de Eschwege, no seu ‘Diário do Brasil’, reproduz informações muito interessantes do comandante de Nova Coimbra [...]”.⁵¹

De fato, Rugendas citou Spix e Martius na mesma obra: “em primeiro lugar como afirmam os srs. Spix e Martius, cada um desses grandes rios [...]”.⁵² Mencionou também Henry Koster, mais de uma vez: “Desse ponto de vista, podemos recomendar a todos os que desejam conhecer a situação real do Brasil, o excelente livro do inglês Koster.”⁵³ Além disso, a descrição que Rugendas fez da rotina de trabalho nos engenhos foi extraída, sem citação, também da obra de Koster.⁵⁴

46 Ibidem, p. 63.

47 Ibidem, p. 64.

48 Ibidem, p. 49 e 53.

49 Ibidem, p. 53.

50 RUGENDAS, op. cit., p. 71.

51 Ibidem, p. 174.

52 Ibidem, p. 28.

53 Ibidem, p. 209.

54 Ibidem, p. 259s.

Entretanto, ao contrário do que afirmam Diener e Costa que o enredo da gravura *Lavagem do minério de ouro* teve “como base inspiradora a narrativa de Spix e Martius”,⁵⁵ acreditamos que a principal influência para isso veio de Eschwege.

O Barão de Eschwege fora mais que um viajante. Ele se estabeleceu em Vila Rica e adquiriu a Mina da Passagem situada em Mariana. Era especialista em mineralogia e foi diretor do Real Gabinete de Mineralogia do Rio de Janeiro. Suas obras sobre a atividade minerária possuem a minúcia e o rigor típicos de um *expert* e são, ainda hoje, a mais rica e detalhada descrição sobre a forma como a extração do ouro e do diamante era desenvolvida em Minas Gerais nas duas primeiras décadas do século XIX. Spix e Martius relatam que conversaram com Eschwege no Rio de Janeiro e este deu-lhes “amáveis conselhos”.⁵⁶ Quando os dois partiram do Rio de Janeiro para São Paulo, ele estava junto e foi ele também quem reservou uma estalagem para ambos em Vila Rica.

A parte da obra de Rugendas dedicada à mineração em Minas Gerais é mais rica e detalhada que o texto produzido por Spix e Martius. Aborda acerca dos efeitos da mineração sobre o meio ambiente; critica a legislação minerária, tal e qual Eschwege; cita o Regimento de 2 de abril de 1702 que encontra-se integralmente transcrito no *Pluto Brasiliensis*; fala sobre o Morro de Santo Antônio que era vizinho à Mina da Passagem adquirida por Eschwege; descreve, a seu modo, três métodos de mineração então adotados em Minas Gerais e emprega a terminologia toponímica “Serra do Espinhaço”, que foi cunhada por Eschwege para se referir à cadeia montanhosa que se estende de Minas a São Paulo.

Portanto, se Spix e Martius exerceram alguma forma de inspiração sobre Rugendas, foi de maneira indireta, pois eles não eram mineralogistas e, provavelmente, inseriram em seu texto informações sobre a mineração a partir das conversas que tiveram com Eschwege.

Há desenhos de Rugendas nos quais Diener e Costa reconhecem haver verossimilhança, a exemplo da *Parada militar em São Cristóvão*, sobre o qual afirmam: “[...] o observador encontra-se na frente de uma seleção inteligente de tipos humanos e dos seus afazeres, todos registrados de forma verossímil.”⁵⁷ Fazem o mesmo com *Préstito popular no Rio de Janeiro*, quando afiançam que “não obstante, as duas representações de congadas terem sido construídas de maneira imaginária, ambas são muito verossímeis”.⁵⁸ Reiteram a ideia sobre o desenho *Serra dos Órgãos*, onde veem “verossímil representação de pessoas nos mais diversos afazeres próprios de uma caravana de tropeiros”.⁵⁹ Da mesma forma, sobre *Repouso de uma caravana*, dizem que “parece representar, com bastante precisão, a disposição das cargas, dos animais, dos escravos e dos tropeiros à espera da chegada da noite”.⁶⁰ Por fim,

55 DIENER e COSTA, op. cit., p. 520.

56 SPIX, Johann Baptist von; MARTIUS, Carl Friedrich Philipp von. **Viagem pelo Brasil**. Trad. Lúcia F. Lahmeyer. Brasília: Senado Federal, 2017, vol. 1. p. 51.

57 DIENER e COSTA, op. cit., p. 154.

58 Ibidem, p. 190.

59 Ibidem, p. 406.

60 Ibidem, p. 514.

falam que, “no capítulo dedicado à população, reunimos aqueles desenhos que possuem uma intenção primordialmente documental”,⁶¹ com destaque para os estudos de cabeças, as quais são “verdadeiros retratos” e “traduz a fisionomia sem idealização de tradição neoclássica”.⁶²

Faz-se mister retomar o argumento central de Valéria Piccolli (2007, sp.). A autora faz a devida distinção entre a natureza de um álbum científico e a de um álbum pitoresco. Este, permite certos “arranjos” sem privar, no entanto, a ilustração do “efeito de realidade, sem o que ela perderia a condição que lhe confere validade histórica”.⁶³ Sob esse prisma, o fato de Rugendas ter replicado a queda d’água presente no desenho *Cachoeira de Ouro Preto* na *Lavagem do minério de ouro* torna-se de pouca importância face o realismo dos outros elementos nela encontrados.⁶⁴

Lucile Magnin ressaltou que os artistas alemães partilhavam, de maneira geral, um obsessivo gosto pelo detalhe. São rigorosos, pacientes, refinados, possuem olhar fotográfico, bons observadores e meticolosos no que fazem. Acredita existir um gosto por detalhes especificamente “nórdico” e um “olhar alemão” sobre a natureza. Para a autora, trata-se de “um eco das refinadas representações naturalistas das escolas flamengas e germânicas da Idade Média e da Renascença”.⁶⁵ Por isso, acredita que “Rugendas e os demais pintores viajantes de origem germânica parecem ser os dignos herdeiros dessa arte setentrional tão atenta aos detalhes”.⁶⁶ Todos eles “são artistas românticos de fato, no sentido que Schlegel atribui ao termo: ‘a tendência ao sentido profundo infinito’”.⁶⁷

Portanto, é difícil crer que ele não empregasse o mesmo rigor ao desenhar a *Lavagem do minério de ouro*. Mesmo que haja nessa litografia alterações feitas pelos gravadores ou que tenha sido por ele “inventada” a partir de informações colhidas nas obras de outros viajantes, ela não perdeu o seu caráter de verossimilhança com a realidade, tampouco o seu sentido profundo infinito.

61 Ibidem, p. 206.

62 Ibidem, p. 228.

63 PICCOLLI, Valéria. **O Brasil na viagem pitoresca e histórica de Debret - 1920**. Rio de Janeiro, v. II, n. 1, jan. 2007. Disponível em: http://www.dezenovevinte.net/obras/obras_debret_vp.htm. Acesso em: 3 abr. 2025.

64 DIENER e COSTA, op. cit., estruturaram o catálogo dos desenhos de Rugendas em três grupos temáticos, a saber: 1. apontamentos e composições de tema costumbrista; 2. estudos etnográficos e retratos e 3. registro da natureza e da paisagem, tanto rural como urbana. Faz-se necessário incluir um quarto grupo, o do mundo do trabalho, afinal, este tema não se enquadra no costumbrismo, conforme eles entendem (p. 376). Vale a pena rever igualmente seu entendimento sobre as cenas de trabalhos nas quais, segundo eles, “a labuta aparece com conotações ideais, representando indivíduos cheios de vigor que se divertem (sic) no cumprimento de suas tarefas, e não como uma fonte de sustento marcada pela pesada rotina de esforço e sacrifício” (p. 376). Afirmam que o trabalho dos escravos no desenho *Preparação da raiz de mandioca*, tal como na *Colheita de café* era “uma atividade agradavelmente lúdica” (p. 550). Sob nosso ponto de vista, não há nada de lúdico na ação do escravo colocado em segundo plano do referido desenho que tenta, na verdade, proteger o seu rosto do calor emanado de um tacho.

65 MAGNIN, Lucile. Luz, minúcia, transferências artísticas e beleza alegórica da natureza. A propósito de algumas obras de pintores viajantes alemães no Brasil do século XIX. In: FERREIRA JÚNIOR, Maurício Vicente; CARDOSO, Rafael (org.). **O olhar germânico na gênese do Brasil**. Coleção Geyer-Museu Imperial. Petrópolis: Museu Imperial, 2002. p. 52.

66 Ibidem, p. 53.

67 Ibidem, p. 56.

Conclusão

A IMAGEM PRODUZIDA por Rugendas sobre a mineração do ouro nas faldas do Pico do Itacolomi, embora não possa ser considerada um “instantâneo da realidade”, é surpreendentemente verossímil. Aproximando-a das descrições conhecidas dos processos extrativos que podem ser encontradas em documentos oficiais, instrumentos legais, textos técnicos, relatos e imagens produzidas por outros viajantes do mesmo período, pode-se afirmar que Rugendas foi bastante fiel ao real no que tange ao universo laboral da mineração oitocentista.

A imagem desvela as características essenciais da relação social de produção e do estágio de desenvolvimento das forças produtivas do setor extrativo mineral naquela conjuntura. Rugendas obteve êxito nessa empreitada, pois além de mostrar as rotinas, as técnicas, a divisão sexual das tarefas, as hierarquias, os instrumentos e o vestuário de trabalho usados na mineração, revelou importantes “detalhes” que raramente, ou nunca, são mencionados nos textos, como o medo do escravo diante do perigo da travessia da ponte temendo por sua integridade física – fornecendo, assim, visão aproximativa mais completa do mundo do trabalho da mineração na terceira década do século XIX em Minas Gerais.

Consideramos que a verossimilhança da imagem ultrapassa a preocupação presente em outros autores quanto às possíveis alterações que ela possa ter sofrido nas mãos dos gravadores que nunca estiveram no Brasil, e até mesmo se Rugendas “criou” posteriormente aquele cenário ideal a partir de informações coligidas de outros viajantes ou de qualquer interlocutor sem ter visitado a lavra em questão, hipóteses que poderiam invalidar o seu valor documental.

Recebido em: 16/04/2025

Aprovado em: 20/05/2025